
Escola, currículo e cultura(s): a construção do processo educativo na perspectiva da multiculturalidade

Célia Regina Teixeira

Doutora em Educação [Currículo] – PUC-SP;

Mestre em Educação – UFMT;

Professora na Graduação – Uninove.

São Paulo – SP [Brasil]

celiateixeira@uninove.br

Roseane Dal Bello Bezerra

Graduada em Pedagogia – Uninove.

São Paulo – SP [Brasil]

rosibello10@yahoo.com.br

Neste artigo, discute-se a questão curricular na perspectiva multiculturalista, apresentando a escola como *locus* privilegiado para o encontro e o diálogo entre diferentes grupos culturais. Revela-se, entretanto, que o currículo escolar, por muitas vezes, discrimina as origens culturais de seus alunos ao tentar impor uma educação comum e homogeneizadora, o que dificulta a criação de oportunidades educacionais iguais para todos. Assim aponta, como necessária à escola, a revisão dos seus pressupostos com o intuito de relacionar seus conteúdos de ensino a realidades e valores diversos entre si para que haja participação igualitária e efetiva aprendizagem, e seja atendida a diversidade cultural que a escola abriga.

Palavras-chave: Currículo. Diversidade.

Educação. Multiculturalidade.

1 Introdução

A palavra currículo, ao longo da história, tem sido considerada a listagem de conteúdos programáticos, nos quais “[...] se ordena a cultura essencial, mais elaborada e elitizada [...] centrada nos conteúdos como resumo do saber culto e elaborado sob a formação das diferentes disciplinas [...]” (SACRISTÁN, 2000, p. 39). Constatamos, de acordo com essa concepção, que há dificuldades dos profissionais da educação em conceber o currículo diante das necessidades atuais e redefinir quais conhecimentos deverão ser estudados ou trabalhados na escola para atender às necessidades de seus educandos.

Para muitos professores, a cultura do aluno “[...] não tem correspondência com a qualidade real da cultura distribuída nas aulas [...]” (SACRISTÁN, 2000, p. 39), e a diversidade cultural é um empecilho que deve ser superado por meio da implantação de uma cultura oficial, estabelecendo-se, assim, uma educação comum e igual para todos. No entanto, ao pensar dessa forma, verifica-se que acabam confundindo igualdade com homogeneização. Nesse contexto, muitas escolas tornam seu discurso contraditório às atuais exigências educacionais, pois seguem ligadas a tradições que induzem ao processo de padronização de comportamentos, conhecimentos e habilidades, ou seja, de homogeneização cultural.

O currículo, proveniente dos valores do homem branco europeu de classe alta, tornou-se dominante nos sistemas de educação, marginalizando outras experiências e formas de conhecimento. A educação escolar, dessa forma, encontra dificuldades para romper com essa perspectiva monocultural que impede a adoção de práticas pedagógicas que respeitem a diversidade.

As propostas curriculares, de maneira explícita ou implícita, consideram alguns conhecimentos superiores a outros, uma cultura melhor do que a outra. De certo modo, categorizam saberes que subordinam os educandos, no processo de ensino e de aprendizagem, a uma amostra cultural única, valorizando sua assimilação na transmissão dos conteúdos e dando preferência aos conhecimentos herdados por uma determinada cultura e excluindo todas as demais.

Conteúdos, programas, organizações de tempo e espaço condicionam a estrutura escolar a considerar de modo desigual as culturas dos alunos. Quando aprendemos e/ou ensinamos, determinadas escolhas e interesses fazem com que algumas aprendizagens, pessoas e culturas sejam priorizadas em detrimento de outras.

Diante dessas seleções em torno do que deve compor os conteúdos curriculares, brota, em muitos alunos, o sentimento de que há conhecimentos que, se não fossem transmitidos, não lhes fariam falta. Tais conhecimentos tornam-se algo a ser transmitido e assimilado, objetivando resultados, e não o valor do processo de aprendizagem. Determinados saberes deveriam ser contextualizados de forma que os alunos entendessem melhor a sua importância e a sua relação com a vida cotidiana, esclarecendo dúvidas para as quais nunca encontram respostas porque elas não fazem parte do currículo.

A própria coletividade estimula a construção de currículos que fortalecem a visão monocultural que se reflete em toda a sociedade. “Os valores, os hábitos e costumes, os comportamentos da classe dominante são aqueles que são considerados como constituindo a cultura. Os valores e hábitos de outras classes podem ser qualquer outra coisa, mas não são a cultura” (SILVA, 2002, p. 34). Dessa forma, o currículo, em nome do ideal da padro-

nização imposta pela valorização da cultura da classe dominante, acaba por corromper identidades culturais ao distanciá-las de suas origens, gerando desigualdades e exclusões.

2 Currículo e exclusão das culturas minoritárias

Muitos saberes são excluídos da escola por sua cultura não ter valor, por não estarem de acordo com a cultura padrão e, com isso, deixam de ser reconhecidos e são silenciados, porque o currículo ignora alguns saberes para divulgar outros que foram atribuídos como universais, de interesse de toda a sociedade. Todos os alunos possuem capacidades que podem ser desenvolvidas sem que seja necessário abandonar suas tradições e valores culturais.

Assim, a relação entre educação e cultura não pode restringir-se ao contexto do currículo, pois, dessa forma, a cultura do aluno pode ser eliminada e substituída pela predominante. O currículo deve dialogar com as diferentes culturas e questionar qual a reação dos alunos, procedentes de grupos sociais e culturais diversos, diante de uma proposta curricular monocultural. Os conteúdos e as práticas curriculares devem incluir todos os sujeitos dialogar com a unidade e a diversidade sem destruir as identidades dos educandos. As especificidades de cada aluno não podem ser esquecidas em nome de uma suposta ordem e harmonia que torna a sociedade igualada por um modelo comum de cultura. Vivemos numa sociedade em constante processo de mudança, cujas demandas, a educação e a formação humana devem responder.

Segundo Candau (2002), com a globalização predominaria a tendência de que “[...] as expressões particulares fossem substituídas por linguagens

gerais, uniformes, homogeneizando indivíduos e grupos [...]” (2002, p. 4) No entanto, a indústria cultural “[...] não estaria conseguindo, como previsto, uniformizar o planeta, formar consumidores, dirigir seus gostos e forjar em todos um padrão de comportamento comum.” (2002, p. 15) A relação entre culturas produz homogeneização e, ao mesmo tempo, misturas culturais. Padrões de apreciações, preferências e julgamentos são divulgados em nível global, distribuindo, desigualmente, os produtos culturais que produzem conseqüências negativas para as culturas minoritárias.

Assim, cabe ao sistema educacional entender o pluralismo, buscar sua liberdade cultural sem preconceitos com postura crítica e, por meio de um currículo multicultural, conciliar a identidade nacional com a presença de um mundo globalizado. Um currículo multicultural pode harmonizar os conhecimentos comuns a todos com as particularidades culturais de cada grupo, enfrentando a contradição entre a igualdade e as desigualdades sociais e culturais.

O currículo monocultural despreza a riqueza da diversidade cultural presente em todos os contextos. São os padrões culturais que dão sentido à vida; portanto o currículo que enfatiza a formação humana não se restringe às grades curriculares, mas estimula as trocas entre os grupos culturais e, conseqüentemente, seu enriquecimento mútuo. Essa visão monocultural deve ser superada; por isso é imperativo que se pense e se desenvolva o currículo para o encontro, o aprender, o planejar e o avaliar juntos.

Uma cultura no encontro com outra não assimila passivamente as influências, mas se hibridiza e se recria na interação, valorização e no reconhecimento das especificidades de cada uma, levando a construção de um currículo multicultural e híbrido

a apresentar-se como opção para desestabelecer hierarquias entre as diferenças culturais.

A escola, enquanto *locus* favorecedor de encontros e trocas entre diversos padrões culturais, também deve proporcionar oportunidades para questionar e desconstruir discursos e práticas monoculturais, desvelando as relações de poder existentes entre culturas no currículo. Nesse contexto, o currículo precisa respeitar e acolher as diferenças sem destruir identidades culturais, propor alternativas de mudanças, alterando práticas, compreendendo os processos de produção e de reprodução do conhecimento, além das características da cultura escolar.

De acordo com Forquin (1993, p.13), cabe às escolas “[...] a responsabilidade de ter que transmitir e perpetuar a experiência humana considerada como cultura [...]”, mas a escola acaba por focar somente uma parte dessa experiência coletiva do ser humano. O conjunto de conteúdos validados pela escola exclui culturas diversas e as evita como alguma coisa a ser abolida ou substituída pelos modelos monoculturais de comportamento. Nessa perspectiva, a escola adota a homogeneização e a assimilação culturais. Para que seja superada essa disposição, é indispensável reconhecer o projeto curricular como espaço escolar no qual prevalece a diversidade e a valorização do respeito para com o outro.

Nesse sentido, o currículo multicultural torna-se importante e apresenta-se como exigência para as escolas que pretendem desafiar e romper com a transmissão da cultura dominante. Dessa forma, a escola precisa trabalhar a transmissão cultural; para isso deve estar em constante mudança e adaptar-se às novas realidades. Nessa esteira, é importante que os conhecimentos sejam construídos com base nas perspectivas de diferentes grupos étnicos e culturais, pela busca de vínculos entre a cultura valorizada pelo currículo e a cultura popular.

3 Currículo e multiculturalismo

A construção do currículo multicultural contribui para analisar as diversas possibilidades de convivência, propondo trocas entre os portadores de diferentes culturas, nas quais passa a valorizar-se o enriquecimento que pode ocorrer nessas interações. Em razão disso, o currículo multicultural acaba refletindo-se na auto-estima dos educandos e em sua auto-confiança, além de possibilitar que eles adquiram e produzam diversos saberes, pois, ao contemplar suas experiências, utilizando-as como ponto de partida para novas aprendizagens, esse currículo considera o aluno como um sujeito social.

O currículo multicultural não determina a cultura, mas garante seu desenvolvimento por meio da liberdade e do incentivo ao respeito à diferença cultural. Ao contrário do currículo monocultural, não permanece indiferente às desigualdades culturais trazidas para a escola, não fica alheio às diversas identidades socioculturais, não tende à assimilação da cultura dominante, como um mecanismo de execução de normas e de aculturação, que não representa, por igual, os interesses. Não se quer dizer que não seja viável garantir uma formação geral comum a todos os educandos, pois o currículo é, de certo modo, o responsável pelo progresso social dos alunos, fornecendo a mesma ferramenta para que todos se desenvolvam em idênticas condições, o que torna cada cidadão competente tanto para participar da vida social e cultural dominante quanto para respeitar a diversidade cultural. No entanto, se entendemos o currículo como uma forma institucionalizada de comunicar às gerações futuras a cultura de uma sociedade, é interessante questionar sobre que cultura se pretende transmitir.

De acordo com as teorias críticas de currículo, não existe uma única cultura aceita e digna de

ser transmitida universalmente. Por isso, a escola não pode calar discursos que lhe pareçam contraditórios aos pertencentes à classe dominante, unificando a cultura de maneira formal. Os alunos trazem para a escola crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos fora do seu contexto e que devem ser contemplados. Adotando esse ideal da diversidade cultural e seguindo um currículo multicultural, a escola precisa encontrar novas maneiras de desenvolvimento curricular, focando a educação com uma perspectiva que privilegie o estudo de realidades particulares, recebendo e permitindo a participação das culturas das diversas comunidades.

Segundo Geertz (1989, p. 61), “Sem os homens certamente não haveria cultura, mas de forma semelhante e muito mais significativamente, sem cultura não haveria homens.” Dessa forma, a cultura se constrói e é construída. A cultura é, portanto, a base e o argumento que justificam os acontecimentos sociais, os comportamentos humanos e os eventos do cotidiano, que dão significado à vida, possibilitando a inserção e a comunicação dos indivíduos em um determinado universo de idéias.

O desafio para o processo de escolarização é possibilitar às camadas populares o acesso à cultura predominante, sem que tenham de perder o vínculo com suas origens e o reconhecimento de suas possibilidades de participação na construção cultural. Em sociedades onde a diversidade é característica cada vez mais presente, não faz sentido conservar currículos nacionalistas, etnocêntricos, injustos e empobrecedores, em que apenas alguns sentem que sua cultura é legitimada. Uma escola igual para todos deve inovar paradigmas e considerar o multiculturalismo como proposta.

Muitas propostas têm sido feitas para oferecer às escolas a introdução de um currículo multicul-

tural. Entretanto, na prática em sala de aula, a questão do multiculturalismo é pouco trabalhada, por causa da falta de preparo do professor diante da complexidade que envolve esta abordagem. Os professores apresentam dificuldades para criar oportunidades nas quais se possa discutir e debater assuntos que não fazem parte das disciplinas tradicionais. Seria interessante que os procedimentos utilizados pelos educadores fossem mais esclarecedores para demonstrar que, em cada conhecimento, há implicações culturais subentendidas situadas em um determinado contexto.

Para o desenvolvimento de uma educação multicultural, o educador necessita desenvolver com os educandos uma postura positiva em relação às diferentes raças e etnias, planejando intervenções que os ajudem a se relacionar bem com outros grupos, o que contribui para reduzir preconceitos. Um educador favorável à multiculturalidade utiliza métodos e técnicas diversificadas para facilitar o desempenho dos alunos pertencentes a distintas culturas com diferentes ritmos de aprendizagem. Os professores precisam proporcionar aos estudantes dos diferentes grupos culturais oportunidades iguais de sucesso com técnicas de avaliação justas para todos e com a idéia de que todos podem aprender.

A cultura escolar produziu, historicamente, uma seleção de conteúdos escolares que priorizam os aspectos cognitivos e marginalizam os culturais, tornando inflexível a composição do currículo. No entanto, se existem nas escolas o desejo de introduzir currículos multiculturais, é preciso desenvolver preocupações em relação à carência de conteúdos com tais abordagens, visto que ela revela a falta de consciência e sensibilização perante esta perspectiva.

Para Candau (2002), a relação entre educação e cultura(s) é permeada por diferentes abordagens no contexto escolar. Utilizando Banks (1994) como

referência, identifica que há diferentes “[...] paradigmas que permeiam os programas e as práticas escolares sob o mesmo rótulo de educação multicultural [...]” (CANDAU, 2002, p. 85).

Assim, os programas e práticas escolares podem, por exemplo, integrar aulas ou eventos especiais de estudos étnicos, com festas e comidas típicas, enfatizando as contribuições de cada grupo, e promover ainda oficinas e cursos, investigando o contexto para levantar hipóteses de práticas e materiais curriculares. Podem também estimular a manutenção das tradições e culturas e inserir, nos programas, os diferentes modos de aprendizagem dos grupos étnicos, considerando as diferentes culturas e integrando-as aos conteúdos curriculares.

Segundo Candau (2002, p. 90), “Banks propõe um modelo próprio de educação multicultural para ser um referente no dia-a-dia das salas de aula, baseados em cinco dimensões interligadas [...]”, que podem ser descritas resumidamente. A primeira dimensão focaliza a integração de exemplos e conteúdos extraídos da cultura de grupos variados para retratar os princípios e teorias de estudo. A segunda visa ao entendimento sobre como os conteúdos culturais implícitos nas disciplinas influenciam no processo de construção do conhecimento. A terceira consiste na pedagogia da equidade, em que se modifica, e variam-se as maneiras de ensinar, de modo coerente e favorecendo a aprendizagem dos alunos de diversos grupos culturais. A quarta dimensão visa à redução do preconceito por meio da modificação de atitudes e da utilização de métodos e materiais favorecedores. A quinta dimensão seria “[...] uma cultura escolar e estrutura social que reforcem o empoderamento de diferentes grupos [...]” (CANDAU, 2002, p. 90), considerando que, ao modificar a organização escolar, é possível que diferentes alunos tenham reforçado seu poder e equidade na escola.

Desse modo, entende-se que a introdução do currículo multicultural no processo educativo requer uma análise das práticas e conteúdos, considerando as realidades e valores diversos como conteúdo de ensino, e que, portanto, influenciam na aprendizagem.

Para que a multiculturalidade seja uma prática presente no dia-a-dia das escolas, essa abordagem não pode transformar-se num discurso vazio, mas deve traduzir-se em comportamentos e discussões que questionem as concepções curriculares, sugerindo adequação às características da escola e dos alunos. Deve-se, para tanto, disponibilizar materiais variados sobre as diferenças culturais, desenvolver ações que valorizem as diferentes etnias e culturas, levando os alunos a repudiar todo tipo de discriminação, desenvolver projetos pedagógicos que tenham como propostas questões presentes no cotidiano e proporcionar cursos de formação inicial e continuada para que os professores possam adequar suas competências às necessidades atuais.

As escolas devem considerar contextos culturalmente plurais no desenvolvimento de suas atividades, elaborando currículos que combinem com os diversos estilos de aprender, com as experiências de todos os grupos culturais e étnicos formados pelos alunos, facilitando a interação entre eles e incentivando-os à troca de idéias e de produtos culturais.

Candau (2002, p. 91) distingue quatro abordagens relacionadas à utilização de estratégias que visam transformar o currículo a favor da multiculturalidade:

[...] enfatizar, sem afetar o currículo formal, as contribuições das diferentes culturas através da introdução no cotidiano escolar de comemorações, eventos e realização de acontecimentos específicos rela-

tivos às diversas culturas [...] penetrar o currículo formal acrescentando determinados conteúdos em diferentes disciplinas sem afetar a sua estrutura básica [...] permitir que os estudantes trabalhem conceitos, temas, fatos, etc., provenientes de diferentes tradições culturais [...] desenvolver projetos e atividades que supunham envolvimento direto e compromisso com diferentes grupos culturais, favorecendo a relação teoria-prática no que diz respeito à diversidade cultural.

A primeira abordagem representa o nível mais elementar e comum nas práticas escolares; a segunda tem um enfoque aditivo, ou seja, adiciona conteúdos culturais ao currículo, integrando-os nas disciplinas; a terceira apresenta um enfoque transformador do currículo e a quarta representa a abordagem da ação social que exige envolvimento e compromisso por meio da elaboração de projetos.

São diferentes as formas de conceber o currículo multicultural, havendo modelos diferenciados sobre como decidir coletivamente e criar um contexto educativo em favor da integração e do diálogo entre as culturas.

No entanto, independentemente do modo como o currículo multicultural seja idealizado, na programação curricular, definida pelo grupo de profissionais da educação, é fundamental a busca de uma visão global do conhecimento e da complexidade dos saberes que fazem parte do currículo, revendo valores e tentando construir uma sociedade mais justa, menos competitiva, mais igualitária e que esteja integrada a uma ética preocupada com a humanização da nossa sociedade. Para que a educação defendida por um currículo multiculturalista seja eficiente, é imprescindível que as escolas

tenham educadores mais criativos e ousados e que defendam o sonho coletivo de mudança social, assim como aponta Freire (2000, p. 67):

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho se não viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos.

Para promover o processo educativo, em uma perspectiva multicultural, a educação deve ser vista como uma prática social capaz de relacionar-se com diversas dinâmicas presentes na sociedade e de situar-se num contexto histórico e de relações que requer a igualdade e a democracia.

A escola, enquanto esfera pública, construída para desenvolver uma função social fundamental na transmissão de elementos pertencentes à cultura, deve oferecer às novas gerações produção cultural mais significativa da humanidade. Entretanto, deve permitir, também, que a cultura seja reelaborada de acordo com as necessidades e os valores atuais, redefinindo os critérios que selecionam os aspectos das diferentes culturas que devem fazer parte do currículo, motivando, dessa forma, mudanças nessas seleções.

Outro critério básico para promover uma educação escolar, na perspectiva aqui apontada, é atribuir caráter global à cultura escolar, permitindo que todos sejam participantes do processo educativo em proporções iguais. “A educação intercultural não

pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos ou por determinadas áreas curriculares, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais [...]” (GANDAU, 2002, p. 99). O multiculturalismo não constitui assunto isolado e momentâneo de certa disciplina, mas é objeto, permanente e constante, assumido por todos em diversas ocasiões.

A promoção de oportunidades educativas iguais para todos os alunos dos diversos grupos étnico-culturais requer recursos e práticas pedagógicas ajustadas à diversidade, além de currículos mais integrados à cultura da sociedade.

O currículo escolar deve proporcionar aos alunos o conhecimento e o respeito às diversas alternativas que diferentes grupos humanos adotaram e adotam para organizar suas vidas. Devem-se considerar as influências históricas de diversos povos e suas contribuições para a organização social e da escola também são formas de explicar a realidade. As diferentes trajetórias, produções artísticas, linguagens, expressões, tradições, identidades e visões de mundo devem ser respeitadas e postas em debate nas escolas, como instrumento de construção de conhecimentos.

Por todas as idéias multiculturais em ação não é tarefa fácil para os educadores porque requer comprometimento que, às vezes, vai além de suas perspectivas. É um processo lento que não se atinge sozinho, mas pela participação e pelo envolvimento de todos, por meio da reorganização escolar em sua forma de se relacionar com os sujeitos e com os conhecimentos que nela circulam.

4 Considerações finais

Promover uma educação multicultural e inserir estes valores no currículo é uma questão

muito complicada que necessita de estudos e reflexões sobre o que vem a ser cultura, tanto dos alunos quanto da escola. Tratar desse assunto é assumi-lo como responsabilidade no compromisso com novas práticas que apontam para a necessidade de mudanças profundas na forma de enxergar o papel da escola atual, redescobrando, assim, novos horizontes que se perdem de vista na amplitude da riqueza e, ao mesmo tempo, da complexidade referente à diversidade cultural.

A discussão sobre o que deve constituir o ensino escolar envolve diferentes percepções sobre currículo, levando ao entendimento de que a escola está submersa num contexto social e cultural no qual há relações entre conhecimento e poder. Elas encerram processos de dominação que, na cultura escolar, excluem a cultura dos alunos das culturas minoritárias, carentes de incorporação de novos conhecimentos compatíveis com seus valores.

Todos os indivíduos, no processo educativo que ocorre na instituição escolar, principalmente os professores, devem entender a complexidade da dimensão humana. Nesse contexto, o professor precisa agir de forma contraditória às tentativas do currículo homogeneizador, enquanto a escola não deve gerar apenas cidadãos uniformes, moldados por padrões globais, mas sim contribuir para o desenvolvimento de indivíduos com identidades e valores próprios.

Assim, percebe-se que, reelaborando seus saberes e significados, a escola não se limita a reproduzir comportamentos determinados em torno das diferentes disciplinas ensinadas, mas torna a produção cultural mais rica para a aprendizagem. Os conhecimentos escolares, pensados num contexto mais amplo do que o conjunto de conteúdos selecionados e distribuídos em disciplinas, resultam de uma construção que abrange múltiplos encontros e

interesses diversos, estando, por isso, dotados de significados e sentidos que devem ser coerentes com os valores atuais.

Diferentes alunos expressam características culturais distintas e, portanto, reagem de modo diferenciado diante das solicitações e das exigências da situação de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. Não se pode esperar que todos se comportem da mesma maneira e obtenham os mesmos resultados em relação a um currículo igual para todos. É preciso que as intenções das prescrições curriculares se traduzam em ações e práticas que compreendam a complexidade da discussão multicultural, acolhendo sua amplitude e diversidade.

Um currículo multiculturalista não é aquele que trata a questão da raça e da etnia como “tema transversal” e as questões culturais apenas no nível da informação. Um currículo verdadeiramente multiculturalista é crítico, político e prioriza a diversidade como questão essencial de uma educação que vivencia e debate permanentemente problemas como preconceito e discriminação. Ao assumir os problemas a enfrentar, em vez de negligenciá-los, ao reconhecer que a própria escola pode reforçar os mecanismos de exclusão, o currículo multiculturalista já está dando seu primeiro passo em favor da construção de uma escola e de uma sociedade mais justa.

Scholar, curriculum and cultura(s): the constructo process education in perspective in multiculturally

This article has as proposal to argue the curricular question in the multiculturally perspective, presenting the school as privileged *locus* for the meet and the dialogue between different cultural groups. It discloses, however, that the school re-

sume, for many times, discriminates and excludes the cultural origins of its pupils when try to impose a common and equality education, what difficult the creation of equal educational chances for all. Then, it points like necessary the school to review it's estimated in the direction of to relate its diverse contents of education to the realities and different values among themselves for an equal participation and an effective learning to attend the cultural diversity that school space shelters.

Key words: Curriculum. Diversity. Education. Multiculturally.

Referências

- CANDAU, V. M. *Sociedade, educação e cultura(s):* questões e propostas. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- FORQUIN, J. C. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.* São Paulo: UNESP, 2000.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.
- SACRISTÁN, J. G. *O currículo: uma reflexão sobre a prática.* 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- SILVA, T. T. *Documentos e identidade: uma introdução às teorias do currículo.* 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

recebido em 10 jul. 2007 / aprovado em 30 nov. 2007

Para referenciar este texto:

TEIXEIRA, C. R.; BEZERRA, R. D. B. Escola, currículo e cultura(s): a construção do processo educativo na perspectiva da multiculturalidade. *Dialogia*, São Paulo, v. 6, p. XX-XX, 2007.
